LEITURA CRÍTICA E REPRESENTATIVIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Ana Beatriz de Oliveira

Resumo

O presente artigo analisa a importância da literatura afro-brasileira no ensino de Língua Portuguesa como prática de educação antirracista, com foco na promoção da leitura crítica e da representatividade. A pesquisa tem como base a experiência de estágio supervisionado realizada em uma turma de 7º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA), composta majoritariamente por estudantes negros e moradores de um bairro periférico da cidade de vitória da Conquista. A partir da leitura e discussão da obra Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, foram desenvolvidas atividades que possibilitaram a escuta e a valorização das vivências dos alunos, resultando na produção de textos escritos que constituem o corpus da análise. Ancorado em aportes teóricos da educação antirracista, da leitura crítica e do conceito de escrevivências, o estudo evidencia como a aproximação entre literatura e realidade favorece processos de identificação, reflexão e resistência. Os resultados apontam que a inserção da literatura afro-brasileira no espaço escolar contribui significativamente para a legitimação de narrativas negras e periféricas, reafirmando a literatura como um campo político de presença e transformação social.

Palavras chaves: Literatura afro-brasileira; Educação antirracista; Leitura crítica; Escrevivências; Educação de Jovens e Adultos.

Abstract

This article analyzes the importance of Afro-Brazilian literature in Portuguese language teaching as an anti-racist educational practice, focusing on the promotion of critical reading and representation. The research is based on a supervised internship experience carried out in a 7th-grade class of Youth and Adult Education (EJA), composed mostly of Black students and residents of a peripheral neighborhood. Through the reading and discussion of the work *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (Room of Discarded Things: Diary of a Slum Dweller), by Carolina Maria de Jesus, activities were developed that allowed for listening to and valuing the students' experiences, culminating in the production of written texts that constitute the corpus of the analysis. Anchored in theoretical contributions from anti-racist education, critical reading, and the concept of "escrevivências" (writing from lived experiences), the study highlights how the connection between literature and reality fosters processes of identification, reflection, and resistance. The results indicate that the inclusion of Afro-Brazilian literature in the school environment significantly contributes to the legitimization of Black and marginalized narratives, reaffirming literature as a political field of presence and social transformation.

Introdução

A literatura, enquanto prática social e cultural, desempenha um papel fundamental na formação crítica dos sujeitos, especialmente no contexto escolar. No ensino de Língua Portuguesa, o trabalho com textos literários possibilita não apenas o desenvolvimento de competências linguísticas, mas também a reflexão sobre identidade, pertencimento e representatividade. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira emerge como um instrumento potente para a promoção de uma educação antirracista, ao dar visibilidade às experiências historicamente silenciadas de sujeitos negros no Brasil.

Apesar dos avanços legais, como a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, observa-se que a presença de autores negros no currículo ainda é limitada e, muitas vezes, tratada de forma pontual. Tal cenário reforça a necessidade de práticas pedagógicas que integrem essas produções de maneira crítica e significativa, especialmente em contextos educacionais marcados pela diversidade racial e social, como a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Dentre os nomes da literatura afro-brasileira, destaca-se Carolina Maria de Jesus, escritora negra, favelada e marginalizada, cuja obra rompe com os padrões tradicionais do cânone literário brasileiro, que, inclusive, é bem marcado por escritores brancos do sexo masculino. Em Quarto de despejo: diário de uma favelada, a autora narra, a partir de suas próprias vivências, a realidade da fome, da pobreza, da maternidade solo e da exclusão social, construindo uma escrita marcada pela denúncia e pela resistência. Sua produção literária dialoga diretamente com o conceito de escrevivências, proposto por Conceição Evaristo, ao afirmar a escrita como espaço de memória, sobrevivência e afirmação identitária.

Este artigo tem como objetivo analisar como a literatura afro-brasileira de Carolina Maria de Jesus pode contribuir para o desenvolvimento da leitura crítica e para a promoção da representatividade no ensino de Língua Portuguesa, a partir de uma perspectiva de educação antirracista. Para isso, toma-se como base a experiência vivenciada durante o estágio supervisionado em uma turma de 7º ano da EJA, composta majoritariamente por estudantes negros, moradores de um bairro periférico, em sua maioria mulheres e mães.

Ao articular teoria e prática, busca-se evidenciar a importância de valorizar as narrativas negras e periféricas no espaço escolar, compreendendo a literatura como um campo político de escuta, reconhecimento e resistência. Dessa forma, o trabalho propõe uma reflexão sobre o papel do ensino de Língua Portuguesa na construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e comprometidas com a transformação social.

2. Fundamentação teórica

2.1 Literatura afro-brasileira e educação antirracista

A literatura afro-brasileira constitui um campo fundamental para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a educação antirracista. Historicamente marginalizada nos currículos escolares, essa produção literária revela experiências, memórias e narrativas que foram sistematicamente silenciadas em um sistema educacional estruturado a partir de referências eurocêntricas. Nesse contexto, trabalhar com autores negros no ensino de Língua Portuguesa não se configura como um acréscimo pontual ao conteúdo programático, mas como uma necessidade pedagógica e política.

A promulgação da Lei nº 10.639/2003 representa um marco legal importante ao tornar obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas. No entanto, conforme apontam diversos estudiosos da área, a efetivação dessa legislação ainda enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito à inserção consistente da literatura afro-brasileira nas práticas escolares. Muitas vezes, essas produções são restritas a datas comemorativas ou abordagens superficiais, o que compromete seu potencial formativo e crítico. Além disso, os próprios estudantes, muitas vezes, não possuem espaço para compartilharem suas vivências tornando o ensino distante e não compatível com a realidade dos alunos.

Nesse sentido, a educação antirracista, conforme defendida por autores como Nilma Lino Gomes, propõe um enfrentamento direto às desigualdades raciais estruturais presentes na escola e na sociedade. Trata-se de uma prática educativa que reconhece o racismo como um fenômeno histórico e social, buscando desconstruir estereótipos, valorizar identidades negras e promover a equidade no ambiente escolar. A literatura, nesse processo, assume um papel central, pois possibilita o contato com narrativas que deslocam a perspectiva hegemônica e ampliam o repertório cultural dos estudantes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a leitura literária como uma prática fundamental para a formação humana, ao destacar seu papel no desenvolvimento da empatia, do pensamento crítico e da compreensão da diversidade cultural. No ensino de Língua Portuguesa, a leitura de textos literários deve favorecer a reflexão sobre as relações sociais e os contextos históricos que atravessam as produções textuais, possibilitando que os estudantes se reconheçam ou questionem os discursos presentes nas obras trabalhadas, isso, de certa forma, gera pertencimento.

Nesse sentido, a BNCC enfatiza a importância de práticas educativas que valorizem os saberes e as vivências culturais dos sujeitos, conforme explicita o documento ao afirmar que é necessário "valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade" (BRASIL, BNCC, p. 9). Tal orientação dialoga diretamente com propostas pedagógicas que inserem a literatura afro-brasileira no currículo, especialmente em contextos como a Educação de Jovens e Adultos, ao reconhecer os estudantes como sujeitos históricos, portadores de saberes e experiências legítimas.

Dessa forma, a inserção da literatura afro-brasileira no ensino de Língua Portuguesa contribui significativamente para a construção de uma leitura crítica, entendida aqui não apenas como a decodificação do texto, mas como a capacidade de relacionar a leitura ao mundo, às vivências e às estruturas sociais que moldam a realidade dos sujeitos. Ao reconhecer a centralidade das produções negras no espaço escolar, a prática pedagógica avança no sentido de uma educação mais inclusiva, plural e comprometida com o social.

2.2. Leitura crítica no ensino de Língua Portuguesa

A leitura crítica, no contexto do ensino de Língua Portuguesa, ultrapassa a compreensão literal do texto e se constitui como uma prática de reflexão sobre a realidade social, histórica e cultural em que os sujeitos estão inseridos. Ler criticamente implica questionar discursos, reconhecer relações de poder e compreender como a linguagem constrói sentidos e representações. Nesse sentido, a leitura deixa de ser um exercício mecânico e passa a ser um ato político e formativo.

Paulo Freire contribui de maneira significativa para essa compreensão ao afirmar que a leitura da palavra está indissociavelmente ligada à leitura do mundo. Para o autor, o processo de alfabetização e de letramento deve considerar as experiências concretas dos sujeitos, valorizando seus saberes prévios e suas vivências. Assim, a leitura crítica se constrói quando o estudante consegue

relacionar o texto lido com sua própria realidade, estabelecendo diálogos entre a linguagem escrita e o cotidiano.

No ensino de Língua Portuguesa, essa perspectiva se mostra especialmente relevante, uma vez que a disciplina historicamente esteve associada a práticas normativas e descontextualizadas, centradas na memorização de regras gramaticais e na valorização de textos distantes da realidade dos alunos. Ao priorizar a leitura crítica, o ensino se desloca para uma abordagem mais significativa, em que o texto literário passa a ser compreendido como espaço de questionamento, identificação e produção de sentidos.

Autores como Magda Soares também contribuem para esse debate ao enfatizar a importância do letramento como prática social. Para além da aprendizagem técnica da leitura e da escrita, o letramento envolve o uso da linguagem em contextos reais, reconhecendo suas funções sociais e comunicativas. Nesse sentido, a leitura literária, quando articulada às vivências dos estudantes, favorece a formação de leitores críticos, capazes de interpretar o texto e, simultaneamente, refletir sobre as estruturas sociais que atravessam suas próprias histórias.

Ao trabalhar a leitura crítica a partir de textos que abordam desigualdades sociais, raciais e econômicas, o ensino de Língua Portuguesa contribui para o fortalecimento de uma educação comprometida com a transformação social. Essa abordagem se torna ainda mais potente em contextos como a Educação de Jovens e Adultos, nos quais os estudantes carregam trajetórias marcadas por interrupções escolares, trabalho precoce e exclusão social. Valorizar essas experiências no processo de leitura é reconhecer os alunos como sujeitos de conhecimento e não apenas como receptores de conteúdo.

Dessa forma, a leitura crítica se apresenta como um caminho fundamental para a promoção da representatividade no espaço escolar, especialmente quando aliada à literatura afro-brasileira. Ao permitir que os estudantes se vejam nos textos lidos e reconheçam suas próprias vivências como dignas de reflexão e escrita, o ensino de Língua Portuguesa reafirma seu papel na construção de práticas pedagógicas mais humanas, dialógicas e antirracistas.

2.3. Carolina Maria de Jesus e as escrevivências como prática pedagógica

A obra de Carolina Maria de Jesus ocupa um lugar singular na literatura brasileira, especialmente quando analisada a partir de uma perspectiva pedagógica e antirracista. Mulher negra, pobre, favelada e com baixa escolarização formal, Carolina rompeu com os limites impostos socialmente ao que se convencionou chamar de “escritor”. Sua escrita emerge da experiência cotidiana, da fome, da maternidade solo, do trabalho precarizado e da violência estrutural, constituindo um potente registro literário e social. Em Quarto de despejo: diário de uma favelada, a autora transforma sua vivência em narrativa, afirmando a escrita como instrumento de denúncia, sobrevivência e resistência.

A aproximação entre a obra de Carolina Maria de Jesus e o conceito de escrevivências, formulado por Conceição Evaristo, permite compreender sua produção como uma escrita que nasce da vida e retorna a ela. As escrevivências não se limitam ao relato autobiográfico, mas se configuram como um gesto político de afirmação da memória negra, sobretudo das mulheres negras, historicamente silenciadas nos espaços de produção e circulação do conhecimento. Nesse sentido, a escrita de Carolina antecipa e materializa aquilo que Evaristo posteriormente conceitua: a palavra escrita como lugar de existência e de enfrentamento das opressões.

No contexto do ensino de Língua Portuguesa, trabalhar com a obra de Carolina Maria de Jesus possibilita deslocar o olhar tradicional sobre a literatura, frequentemente centrado em autores canônicos distantes da realidade dos estudantes. Ao apresentar textos que dialogam diretamente ou

indiretamente com as experiências de sujeitos periféricos, o ensino se torna mais significativo e favorece processos de identificação, escuta e reconhecimento. Essa abordagem contribui para a construção de uma leitura crítica, na medida em que os alunos são convidados a refletir sobre desigualdades sociais, raciais e de gênero presentes tanto na obra quanto em seu próprio cotidiano.

Durante a experiência de estágio supervisionado em uma turma de 7º ano da Educação de Jovens e Adultos, a leitura e discussão de trechos de Quarto de despejo permitiram a emergência de narrativas que dialogam profundamente com a escrita de Carolina. Os estudantes, em sua maioria negros e moradores de um bairro periférico, reconheceram nos textos da autora aspectos de suas próprias vivências, como a luta diária pelo sustento, a sobrecarga de trabalho, a maternidade, a fé como estratégia de resistência e os impactos da violência urbana. Esse processo evidenciou a potência pedagógica das escrevivências como prática de ensino, ao legitimar saberes que tradicionalmente não ocupam o espaço escolar.

Dessa forma, a inserção da obra de Carolina Maria de Jesus no ensino de Língua Portuguesa, especialmente na EJA, reafirma a literatura como um espaço de diálogo entre texto e vida. Ao valorizar narrativas negras e periféricas, a prática pedagógica rompe com a lógica do silenciamento e contribui para a construção de uma educação antirracista, crítica e comprometida com a formação humana dos estudantes.

3. Metodologia

3.1. O estágio na EJA e a construção de um corpus de escrevivências

A experiência de estágio supervisionado foi desenvolvida em uma turma de 7º ano da Educação de Jovens e Adultos, em uma escola pública localizada em um bairro periférico. A sala era composta majoritariamente por estudantes negros, com idades variadas, incluindo jovens e adultos, sendo a maioria mulheres e mães. Esse contexto sociocultural revelou-se fundamental para a escolha da obra de Carolina Maria de Jesus como eixo das atividades, uma vez que suas narrativas dialogam diretamente com as vivências dos estudantes.

As aulas foram organizadas a partir da leitura e discussão de trechos selecionados de Quarto de despejo, priorizando momentos de escuta, troca de experiências e reflexão coletiva. Após o contato com a obra, os estudantes foram convidados a produzir textos escritos, relacionando suas próprias histórias às vivências narradas por Carolina. Essa proposta teve como objetivo estimular a leitura crítica e valorizar a escrita como forma de expressão, memória e resistência.

Como resultado dessa prática, constituiu-se um corpus composto por produções textuais dos estudantes, que evidenciam a permanência de temas recorrentes na obra de Carolina Maria de Jesus, como a fome, a maternidade solo, o trabalho exaustivo, a fé e a luta diária pela sobrevivência. Dentre esses registros, destaca-se o texto de uma aluna que estabelece, de maneira consciente, um paralelo entre sua própria trajetória de vida e a história da autora, reconhecendo-se nas experiências narradas em Quarto de despejo. Essa escrita revela não apenas um processo de identificação, mas também a compreensão da literatura como espelho social e espaço de legitimidade das vivências negras e periféricas.

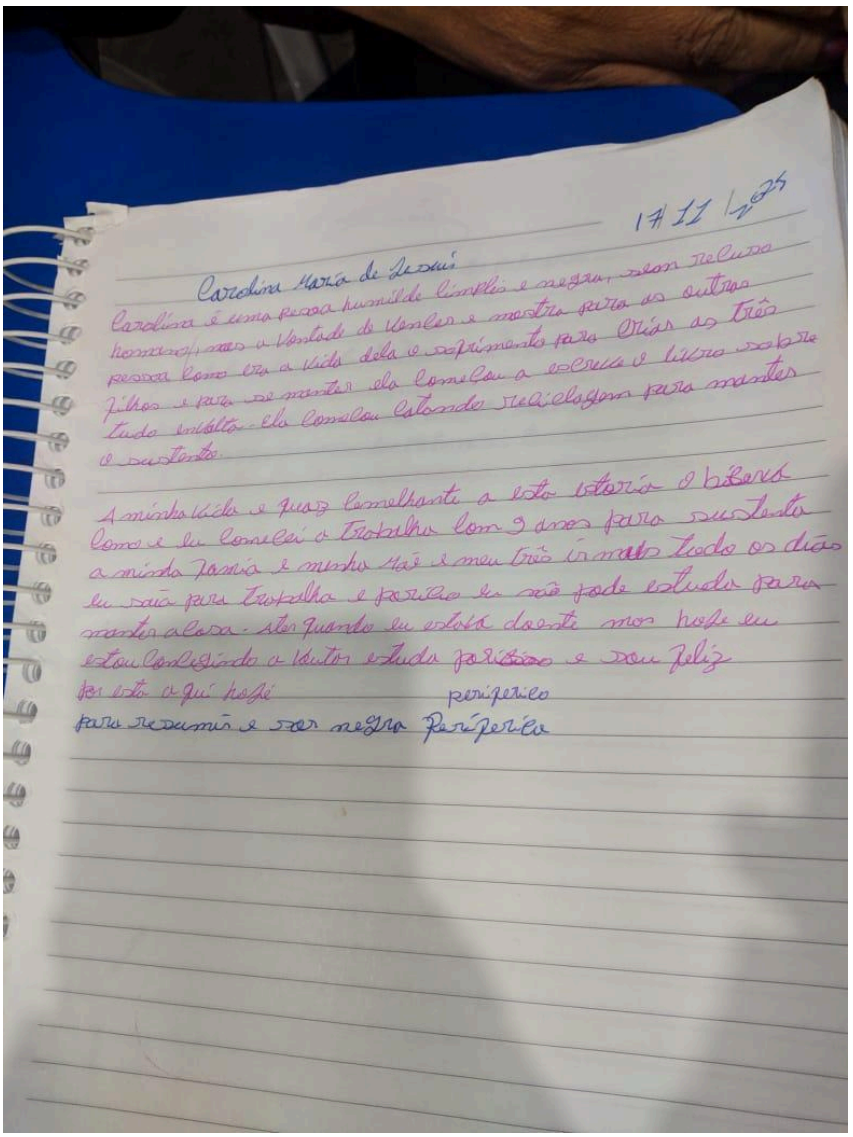
A análise desse corpus permite observar como a leitura da obra de Carolina Maria de Jesus favoreceu a emergência de narrativas que tradicionalmente não encontram espaço no ambiente escolar. Ao escrever sobre si, a aluna rompe com o silêncio imposto historicamente às mulheres negras, reafirmando sua voz e sua experiência como dignas de registro e reflexão. Esse movimento dialoga diretamente com o conceito de escrevivências, ao evidenciar a escrita como extensão da vida e como prática de resistência frente às desigualdades sociais.

Dessa forma, o corpus produzido no contexto do estágio não se configura apenas como um recurso ilustrativo, mas como material analítico que confirma a relevância da literatura afro-brasileira no ensino de Língua Portuguesa. As produções dos estudantes demonstram que a leitura crítica, quando articulada à representatividade, possibilita a construção de sentidos mais profundos e significativos, reafirmando o papel da escola como espaço de escuta, reconhecimento e transformação social.

4. Resultados e discussões

4.1 Análise das escrevivências produzidas no contexto do EJA.

O corpus desta análise é composto por uma produção escrita realizada por uma aluna da turma do 7º ano da Educação de Jovens e Adultos, elaborada após a leitura e discussão de trechos da obra Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. No texto manuscrito, a estudante estabelece relações diretas entre sua própria trajetória de vida e a história da autora, destacando experiências comuns como o trabalho precoce, as dificuldades financeiras, a interrupção dos estudos e a condição de mulher negra periférica. Essa escrita configura-se como uma escrevivência, na medida em que articula memória, vivência e reflexão crítica, evidenciando a potência da literatura afro-brasileira como mediadora de identificação, reconhecimento e afirmação de narrativas historicamente silenciadas.



17/11/25

Carolina Maria de Jesus

Carolina é uma pessoa humilde simples e negra, sem recuso
homens, mas a vontade de vencer e mostra para as outras
pessoa como era a vida dela o sofrimento para criar as três
filhos e para se manter ela começou a escreve o livro sobre
tudo envolta. Ela começou catando reciclagem para manter
o sustento.

A minha vida e quaz semelhante a esta estoria o bisava
como e eu comecei a trabalha com 9 anos para sustenta
a minha familia e minha mãe e meu três irmãos todo os dias
eu saia para trabalha e porisso eu não pode estuda para
manter a casa. Ater quando eu estava doente mas hoje eu
estou conseguindo a voltar estuda porisso e sou feliz
por esta aqui hoje periferico
para resumir e ser negra Periferica

5. Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam a potência da literatura afro-brasileira como ferramenta fundamental para a promoção de uma educação antirracista no ensino de Língua Portuguesa. Ao tomar a obra de Carolina Maria de Jesus como eixo central das práticas pedagógicas realizadas no contexto da Educação de Jovens e Adultos, foi possível articular leitura crítica, representatividade e valorização das vivências dos estudantes, rompendo com modelos tradicionais de ensino que historicamente silenciaram vozes negras e periféricas.

A experiência de estágio supervisionado demonstrou que a literatura, quando aproximada da realidade dos alunos, torna-se um espaço de escuta, identificação e produção de sentidos. O corpus constituído a partir das produções escritas dos estudantes, em especial o texto de uma aluna que estabelece paralelos diretos entre sua própria trajetória de vida e a de Carolina Maria de Jesus, evidencia a permanência de temas como fome, maternidade, trabalho, fé e resistência no cotidiano de

sujeitos historicamente marginalizados. Essas narrativas confirmam que as escrevivências não pertencem apenas ao passado, mas continuam sendo produzidas e silenciadas no presente.

Nesse sentido, a escrita dos estudantes do EJA revela-se como um gesto político e pedagógico. Ao narrar suas histórias, esses sujeitos afirmam sua existência, sua memória e seu direito à palavra, confrontando a lógica excludente que ainda orienta a formação do cânone literário e as práticas escolares. A valorização dessas produções no espaço da sala de aula reafirma que a literatura não se restringe ao que é tradicionalmente legitimado, mas também se constrói a partir das experiências de vida que resistem à invisibilização.

Portanto, a vivência proporcionada pelo estágio reforça a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a leitura crítica e com a ampliação dos repertórios literários trabalhados na escola. Inserir a literatura afro-brasileira no ensino de Língua Portuguesa não é apenas cumprir uma exigência legal, mas reconhecer a centralidade das narrativas negras na constituição da sociedade brasileira. Ao legitimar essas vozes, a escola se afirma como um espaço de transformação social, onde a escrita deixa de ser apenas conteúdo e passa a ser instrumento de resistência, presença e humanidade.

6. Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, por sustentar meus passos, renovar minhas forças e permitir que eu vivenciasse essa experiência tão significativa em minha trajetória acadêmica e pessoal. Ao meu noivo, Glauber, expresso minha profunda gratidão pelo apoio incondicional, pela presença, pelo incentivo e por todo o suporte emocional e financeiro. Mesmo diante dos inúmeros gastos e compromissos decorrentes da organização do nosso casamento, ele não mediu esforços para tornar possível a realização desta viagem, acreditando em mim e contribuindo para que eu pudesse viver essa conquista. À minha mãe, agradeço por todo o auxílio, cuidado e dedicação, por estar ao meu lado e por contribuir tão significativamente para que este momento se concretizasse. À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), minha sincera gratidão pelo financiamento integral da viagem, possibilitando minha participação no CONEDU e ampliando minhas oportunidades de formação, aprendizagem e compartilhamento de conhecimentos. À cidade de Campina Grande, agradeço pela acolhida tão calorosa e especial. Levo comigo não apenas as experiências acadêmicas vivenciadas, mas também a lembrança de pessoas gentis, carinhosas e receptivas, que fizeram com que nos sentíssemos verdadeiramente acolhidas, mesmo estando longe de casa. Às minhas colegas de turma, que compartilharam comigo cada dia dessa jornada, agradeço pela parceria, pelo companheirismo, pela ajuda constante e por tornarem os desafios da viagem mais leves e os momentos vividos ainda mais especiais. Esta experiência também se tornou inesquecível pela presença de vocês.

Por fim, agradeço a mim mesma. Por não ter desistido, por ter enfrentado os desafios, por ter me dedicado incansavelmente à construção deste trabalho e por ter dado conta de uma verdadeira empreitada acadêmica monumental. Reconheço, com orgulho e carinho, o esforço, a persistência e a competência que me trouxeram até aqui. Afinal, diante de tantas páginas, leituras, revisões e desafios,

também mereço celebrar: eu divei, parabéns para mim eternamente e que eu continue sendo essa pesquisadora maravilhosa, humilde e modesta.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação**, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 20/12/2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Vários escritos. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências: a escrita de nós**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Ática, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.